

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 191/2011

VELHO SAI, OU NÃO, DE CASA ?

Uma das questões que permanentemente ocupam a mente dos que têm mais de 80 anos é esta : sair ou ficar em casa? A tendência natural é para o imobilismo: no máximo dar uma caminhadinha de manhã e depois ler o jornal e a Carta Capital escutando a Radio MEC, abrir a correspondência do Correio e do computador, responder os e-mails, escrever mais alguma coisa, dar alguns telefonemas, almoçar, dar uma cochilada, voltar ao computador, ler um livro ou ver um filme no DVD, até o noticiário das seis com a Leilane, tomar um drink na varanda antes do jantar, conferir mais uma vez o computador, jantar, ler uma hora e ir para a cama, dormir cedo e acordar cedo no dia seguinte para recomeçar a rotina. A essência da vida do velho é a rotina.

A medicina, entretanto, aconselha o velho a tumultuar e banir a rotina, eis que ela envelhece mais, esclerosa, acaba em Alzheimer. Então, o negócio é sair de casa, almoçar no Bar Lagoa, às vezes um belo peixe lá no Albamar, ir ao cinema, ao teatro, ir ao concerto, fazer um lanche na Argumento, jantar uma pizza na Guanabara, marcar encontros na cidade, comparecer a reuniões como conselheiro de algumas instituições, algumas em Caxias ou no Grajaú, de dois em dois meses ir a São Paulo para as reuniões da Perseu Abramo, subir a serra no fim de semana, mergulhar no mar frequentemente, tomar aulas de francês, de alemão, fazer uma viagem de férias todo ano, ir à Serra da Capivara no Piauí, à Chapada Diamantina no sertão baiano, ao Hotel Ariau no meio da selva amazônica, a Bonito e ao Pantanal no Mato Grosso do Sul, à Serra Gaúcha tomar uns vinhos, enfim, agitar a velha vida que resta.

Pois eu fui a São Paulo, levo sempre minha mulher; é bom para mim e para ela. Saímos na quinta-feira ao meio-dia e meia para pegar o avião das duas no Santos Dumont. Oh, meu Deus, eu havia esquecido de que estamos em dezembro, e todo mundo sai para fazer compras, e o trânsito fica insuportável; eu costumo levar pouco mais de meia hora mas desta vez a Praia de Copacabana estava intransitável, do princípio ao fim, e até o Rio-Sul, o grande templo. O motorista do taxi arremeteu no aterro, chegamos às duas, mas o vô já estava fechado; perdemos o avião. Bem, pago a multa e vamos no próximo. Não, o próximo está lotado, só tem lugar no de quatro e meia; tenho horror a essa Gol mas, bem, vamos nesse das quatro e meia. O pouso em São Paulo, quase às seis horas, foi estressante, o céu estava negro e chovia forte, eu gosto de céu de brigadeiro. Mas chegamos. Saltamos e fomos pegar um taxi: Oh! A fila do taxi tinha uns cinco quilômetros, sem exagero. Ah, aqui em Congonhas a essa hora, quando chove é assim mesmo, há que ter paciência. Paciência. Paciência e resistência. Ficamos uns quarenta minutos em pé, a fila andou só uns cem metros e baixou um desespero; minha mulher começou a chorar e eu a rebentar de raiva. Apareceu então um anjo da guarda, uma senhora apiedou-se daquele casal de velhos capengas e chamou um guarda; o guarda nos levou para longe do início da fila e fez parar o primeiro taxi que chegava: prioridade, ufa! O trânsito às seis e meia com chuva estava daquele jeito bem paulista, levamos uma hora e meia mas chegamos aliviados ao hotel.

A reunião da Perseu Abramo no dia seguinte foi interessante como sempre; o dia inteiro, minha mulher acompanha tudo, deu para esquecer a raiva de São Paulo, jantamos bem. E, como de hábito, voltamos no sábado de manhã, quando o aeroporto costuma estar vazio. Oh, de novo havia esquecido de que estamos em dezembro e em dezembro todo mundo viaja para suas terras natais, mesmo aos sábados, principalmente aos sábados: o aeroporto estava lotado; a fila da Gol era uma serpente inacabável; a da prioridade era maior do que a comum: várias famílias, com quatro ou cinco crianças cada uma, bagagens de companhias de teatro em turnê; as funcionárias remanchando, de cansaço e salário baixo, levamos uns quarenta e cinco minutos em pé

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 191/2011

Na fila, ah que saudade da Varig, mas desta vez eu tinha sido cauteloso e estava no horário; só que, quando chegamos ao guichê, o vôo das dez, que vinha de Maringá e ia para o Rio, justamente o nosso, tinha sido cancelado, a Gol pedia desculpas, ah que saudade da Varig, fomos colocados no vôo seguinte, que saía às onze. Bem, paciência, detesto a Gol mas ficamos lendo jornal e o avião só atrasou uns vinte minutos.

Chegamos bem ao Rio. Paramos na remota, não tinha lugar naqueles braços de atracação, tivemos que andar uns quinhentos metros de chão até o edifício do aeroporto; tudo bem, o ar estava fresco. Chegamos à sala de desembarque. E minha mulher então teve vontade de ir ao banheiro; e no Santos Dumont não tem banheiro na sala de desembarque como qualquer aeroporto decente! Bem, logo logo as malas chegam e a gente vai ali no saguão. As malas demoraram tanto que resolvemos ir ao banheiro, a funcionária da porta da sala resistiu um pouco, depois não poderíamos voltar, mas acabou sendo compreensiva, abriu uma exceção. Saímos à procura do banheiro. Onde? Aqui tinha um grande banheiro, o do aeroporto antigo, cadê? Ah, foi desativado, agora só no novo terminal. Onde? Ali, a uns dois quilômetros, lá no novo embarque. Bem, propus a minha mulher que levantasse o vestido, se agachasse e fizesse ali mesmo, como um protesto; no dia seguinte ia dar no jornal: senhora de 80 anos faz pipi no aeroporto porque o Santos Dumont não tem mais banheiro! Capaz que saísse uma foto. Mas ela, coitada, não teve a energia suficiente para fazer este protesto; quando moça, teria tido com certeza.

Caminhamos dois quilômetros de ida e dois de volta, capengando devagar como dois velhos, minha mulher tem dificuldade e usa bengala. Quando retornamos à sala de desembarque, a coleta das malas já havia terminado, a esteira estava parada e a sala vazia, só aquela funcionária que tinha sido compreensiva conosco. Ela disse: tudo acabou, não tem mais ninguém aqui; olhei bem e vi que realmente não tinha. O que faço? O senhor tem de ir na Gol e buscar, sua mala deve estar lá. Onde é a Gol? Lá no novo terminal, a dois quilômetros.

A medicina ainda não descobriu a composição do hormônio que o ser humano idoso, fabrica quando atingido na sua dignidade. É uma superadrenalina, muito mais forte do que a normal que o jovem fabrica antes de enfrentar o leão; eu já vi um velho arrebentar a porta de um elevador a ponta-pé por causa da demora. Entende-se, a musculatura do velho define e ele precisa triplicar a energia para enfrentar ou fugir do leão; sua natureza, então, sábia, injeta um super-hormônio; quando não há o enfrentamento físico, o risco é de apoplexia, muito comum; antigamente os velhos quase todos morriam de apoplexia.

Deixei minha mulher sob a guarda da funcionária e fui correndo, dois quilômetros, adrenalinado, atrás da minha mala. No guichê geral da Gol me disseram que não era ali, era no guichê 21 do check-in, que eu fosse lá. Havia uma fila no guichê 21, eu tentei obter uma informação imediata mas a despachante, certamente muito mal paga, e muito mal humorada, me disse que esperasse a minha vez. Que saudade das moças atenciosas da Varig. A taxa do tal hormônio se elevou e eu senti a pressão chegar naquele ponto de arrebentamento das veias, senti na boca o gosto da apoplexia. Respirei forte umas vinte e cinco vezes e aguardei. Chegando a minha vez, a goleira, que era gorda e acachapada, falou num telemóvel com alguém que disse que realmente havia uma sobra, e a minha mala estava lá. Mas lá, onde? Na sala de desembarque. Juro que lá não está, porque de lá eu vim e não tinha nenhuma mala nem ninguém da Gol. Tem sim senhor, e está lá com a sua mala. A visão se me escureceu e, para evitar a apoplexia, lembrei-me do conselho médico para eliminar o super-

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 191/2011

hormônio colérico, e voltei correndo de verdade os dois quilômetros até a sala de desembarque. Estava lá a funcionária, minha mulher sentada e aflita, e ninguém mais, e nenhuma mala. As lágrimas de raiva me rolavam pela face e uma espuma me escorria pelos cantos da boca.

Foi quando apareceu novamente o anjo, sob a forma de outra senhora. Inteirou-se do que havia, devia conhecer o aeroporto e disse, deve estar na sala numero tal de desembarque, que era outra, a uns seiscentos metros dali. Fui com ela, havia um outro vôo desembarcando e a minha mala realmente estava lá. Corri a pegar minha mulher e depois um taxi. O Aterro estava fechado, havia um festival gospel, mas não há de ser nada, vamos pegar a Presidente Vargas e o Túnel Rebouças.

Saltei em casa e senti a dor; tinha sofrido uma distensão nas panturrilhas das duas pernas, mal podia andar. Fui mancando à casa de minha filha, que aniversariava. Ela me deu logo um bom vinho e eu contei tudo para todos, que riram muito; e eu também, depois do vinho, ah, a vida é bela.

Minha filha então disse: escreva um conto. Foi o que fiz.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br